

Bakhtin e o Pós-colonialismo: a questão do hibridismo

Valteir Vaz*

RESUMO: Este artigo, em um primeiro momento, apresenta o conceito de “hibridismo” conforme desenvolvido por Mikhail Bakhtin, na sua teoria do romance. Na sequência, procura aferir o real débito do Pós-Colonialismo para com a teoria do hibridismo romanesco bakhtiniano, sobretudo nos trabalhos de Homi Bhabha.

ABSTRACT: At first, this article presents the concept of “hybridity” according to Mikhail Bakhtin, in his theory of the novel. Then, It searches to gauge the real debit of postcolonialism to the bakhtinian novelistic hybrid, particularly in the work of Homi Bhabha.

Palavras-chave: Hibridismo; Mikhail Bakhtin; Homi Bhabha; Estudos pós-coloniais.

Keywords: Hybridity; Mikahil Bakhtin; Homi Bhabha; Postcolonialism Studies.

“Com notáveis exceções, metodologias interdisciplinares e comparativas têm sido praticadas nos Estudos Russos. Desconstrução, Estudos Pós-coloniais, a guinada pragmática na Filosofia, o Novo Historicismo nos estudos literários e a virada linguística na Historiografia, todas elas têm demonstrado pouca influência nos pesquisadores de Literatura Russa.”

(ETKIND, 2010)¹

1 Professor do Centro Paula Souza, mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP; doutor em Literatura e Cultura Russa pela USP. E-mail: valvaz@usp.br.

1. Bakhtin e a virada conceitual do termo hibridismo

Em meados do século XX, o vocábulo “híbrido” (*Гибрид*)² reapareceu na Rússia e recebeu um tratamento particular pelo pensador russo especialista em teoria literária, Mikhail Bakhtin (1895-1975). Embora essa não fosse a primeira vez que o termo estivesse sendo utilizado com intenção de nomear as mesclas entre línguas diferentes,³ credita-se a Bakhtin o fato de transferi-lo dos delicados domínios raciais aos quais estava imerso e inseri-lo no interior de sua disciplina de predileção, a filologia. A transposição deve ser contemplada com certa relevância, pois, se no século XIX a palavra “híbrido” era utilizada para referir um fenômeno fisiológico e botânico, no XX, graças a Bakhtin, ela foi reavivada para descrever um fenômeno linguístico-cultural.

Mas, antes de Bakhtin se valer do termo em sua teoria do romance, a palavra “híbrido” já circulava na Rússia, no âmbito da Biologia e da Antropologia. Segundo informa Alexander

1 ETKIND, Alexander. “The shaved man’s burden: The Russian novel as a romance of internal colonisation.”. In: RENFREW, Alastair e TIHANOV, Galin (orgs.). *Critical theory in Russia and the west*. Londres: Routledge, 2010, pp. 124-151. No original: “With notable exceptions, interdisciplinary and comparative methodologies have been rarely practiced in Russian Studies. Deconstruction, Post-colonial Studies, the pragmatic turn in Philosophy, New Historicism in literary studies and the linguistic turn in Historiography have all had little influence on researchers of Russian literature.”

2 Em russo “Гибрид” e “гибридизация”, híbrido e hibridização ou hibridação, respectivamente.

3 YOUNG, Robert J.C. *O desejo colonial*. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 8.

Etkind, em *Internal colonization*, a circulação de vocábulos como crioulo, criouliização e hibridismo já se dava em territórios russos por volta de 1864. Todos esses termos eram, há muito, recorrentes na Europa, principalmente na Inglaterra, onde o debate em torno do hibridismo contava com a participação de estudiosos das mais diferentes áreas, todos de uma forma ou de outra se esforçando para descrevê-lo –sobretudo o híbrido humano, como raça degenerativa, monstruosa e infértil,⁴ logo, um alvo fácil do racismo eurocêntrico.

Em um curso ministrado na Universidade de Moscou, o antropólogo Stepan Echevski promoveu uma distinção conceitual entre criouliização e hibridização, uma separação que, à época, parecia bastante improvável de ser alcançada em solo russo, a menos que o estudioso estivesse afiado com o debate sobre o que se desenrolava nesses termos no Ocidente. Segundo Etkind,

Para ele [Echevski], raças eram reconhecíveis e estáveis, mas ele também enfatizou a complexidade interna das raças, assim como sua capacidade de se fundir, se misturar e de se transformar. Buscando uma síntese entre história, linguística e etnografia, Eshvski respondeu criticamente ao campo da Antropologia Física, a ciência das raças do século XIX. Ele fez uma distinção entre os conceitos de criouliização e hibridização. A diferença é que animais híbridos não podem se reproduzir, mas a mistura entre raças humanas gera resultados prolíficos. Ele examinou e rejeitou a ideia racista de que o destino dos crioulos era a degeneração. Em uma perspectiva oposta, ele descreveu o mulato e outras misturas como sendo mais viáveis e produtivas que raças ditas puras.⁵

A posição de Echevski permite vislumbrar a dimensão do debate em torno do conceito de hibridismo na Rússia, desde o fim do século XIX, o qual pouco se diferenciava daquilo que ocorria em outras partes da Europa. Porém, é a contribuição de Bakhtin que dará nova direção sobre os usos do termo ao transferi-lo para o âmbito da literatura e da linguística.

4 Idem, p. 1-24.

5 ETKIND, Alexander. *Internal colonization: Russian's imperial experience*. Oxford (UK): Polity Press, 2011, p. 113.

A palavra, nesse novo contexto, era a expressão predileta para descrever mesclas de diversos graus entre línguas e linguagens diferentes, sejam essas misturas, por parte de quem as promove, um ato consciente ou inconsciente. Nesse novo contexto, uma distinção torna-se evidente entre aquela fundamentação apresentada por Eshevski e por Bakhtin: no exato oposto à do antropólogo, o híbrido bakhtiniano não mais pressupõe a noção de esterilidade, aliás, aponta para algo contrário a isso. O amálgama entre línguas ou linguagens e, conseqüentemente, entre culturas diferentes, possibilita um encontro fecundo, plural, extremamente prolífico. Num segundo momento, enquanto para a Antropologia e para a Biologia “híbrido” é concebido como *resultado*, no âmbito da linguagem, tal como postulou Bakhtin, ele será sempre compreendido enquanto *processo*, um movimento que sempre apontará para uma abertura, para o devir. Bakhtin instaura no seio do conceito a noção de temporalidade, um processo constante de transformação que não alcança uma síntese totalizadora, assim como um organismo vivo; mutações linguísticas são inerentes aos processos evolutivos das línguas e das linguagens.

Antes de passarmos à descrição bakhtiniana propriamente dita, é importante fazer mais algumas considerações, mesmo que hipotéticas, sobre a utilização desta metáfora biológica (a do híbrido) da qual o filólogo russo se valeu para descrever mesclas linguísticas de vários tipos.

2. Metáforas orgânicas e biológicas no pensamento linguístico russo

A hipótese aqui é que Bakhtin tomou o termo de empréstimo da Biologia e que a inclusão desta palavra na sua terminologia teórico-literária foi de responsabilidade do biólogo Ivan Ivanovich Kanaev (1893-1983), que participou ativamente do Círculo de Bakhtin entre 1924-1929⁶.

Os estudos de Kanaev estiveram centrados em biologia

6 Cf. CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. Mikhail Bakhtin. São Paulo: Perspectiva, 1998, p. 102.

comparada e no vitalismo, a respeito do qual redigiu um longo e detalhado ensaio denominado “O vitalismo contemporâneo”, que saiu em duas partes em 1926, na revista *Chelovek i priroda*. O curioso é que o ensaio foi assinado também por Bakhtin, cuja participação é ainda um tanto duvidosa, uma vez que o texto apresenta uma terminologia muito específica da Biologia, além de dispor de um nível de conhecimento muito profundo desta ciência, algo que não fora demonstrado em nenhum outro trabalho do filólogo.⁷

Também é verdade que metáforas orgânicas e, por decorrência, biológicas sempre estiveram presentes na mentalidade russa, aí desempenhando um papel proeminente, sobretudo em estudos concernentes à linguagem. Acredita-se que essas sejam ideias e noções importadas do pensamento filosófico alemão, notadamente noções que floresceram no âmbito do Romantismo e que receberam particular tratamento em obras de Johann Gottfried von *Herder (1744–1803)*, *August Schlegel (1767–1845)* e *Wilhelm von Humboldt (1767–1835)*.

Do seu contexto de origem, essas ideias parecem ter migrado para a Rússia, encontrando notável aceitação entre teóricos da linguagem no último quartel do século XIX e primeira metade do XX. É preciso lembrar ainda que, se o francês foi por muito tempo a língua da cultura e dos salões da aristocracia russa, nesse momento a língua de Marcel Proust muitas vezes foi pejorativamente chamada de “língua de senhoras”,⁸ e o alemão, por sua vez, tornou-se a língua da ciência. Este último aspecto em muito corroborou para a difusão de ideias científicas alemãs na Rússia de então.

Um dos pioneiros no uso de tais metáforas em solo russo, segundo informa Thomas Seifrid, foi o linguista Aleksandr Potiebniá (1835-1891), sob a influência direta do pensador *Humboldt*:

7 Um dos que contesta a autoria de Bakhtin é Kalevi Kull, biossemiotista da Escola de Tártu.

8 LOTMAN, Iúri. *Cultura y explosión*. Barcelona: Gedisa Editotial, 1999, p. 98.

O que a mentalidade russa faz com essa enorme influência do paradigma humboldtiano é abordá-lo num sentido mais literal. Humboldt adentra o contexto do pensamento russo bem claramente na segunda metade do século XIX, via *Pensamento e linguagem*, obra de Aleksandr Potebniá, de 1862, que é uma adaptação, mas também uma sutil rescrita, do tratado monumental de Humboldt, de 1836. A preocupação maior de Potebnia é reiterar a asserção de Humboldt de que linguagem e pensamento compartilham um vínculo essencial, para tanto ele declara que a percepção-chave de Humboldt sobre a linguagem tem sido a de que ela é o agente que forma o pensamento (Potebnia, 1976: 57). Potebnia também traz à baila a definição de Humboldt da linguagem como energia, ou atividade, ao invés de *ergon*, ou coisa [...].⁹

Os intelectuais russos, afirma Patrick Sériot, tinham sido conquistados pela ciência alemã após 1929, quando a gestão estalinista tornou bastante limitado o contato com o Ocidente. Os russos retornaram àqueles autores que lhes eram acessíveis, sobretudo a Hegel e Humboldt; é também nesse ínterim que o pensamento de Karl Marx teve uma recepção favorável na Rússia.

Na correspondência entre Roman Jakobson e Nicolai Serguéivith Trubetskói (1890-1938), que se desenrolou após o fim forçado do Círculo Linguístico de Praga e a imigração de Jakobson para o Ocidente, é abundante a utilização de metáforas biológicas, notadamente para descrever o hibridismo linguístico. Trubetskói e Jakobson interessaram-se pelo fenômeno da evolução das línguas por convergência, daí a utilização abundante de metáforas desse tipo no epistolário em questão.¹⁰

9 SEIFRID, Thomas. "Once out of nature' – The organic metaphor in Russian (and other) theories of language." In: RENFREW, Alastair; TIHANOV, Galin (orgs.). *Critical theory in Russia and the West*. London: Routledge, 2010, p. 67. Tradução minha.

10 Cf. JAKOBSON, Roman. N. S. *Trubetzky's letters and notes*. Preparado para publicação por Roman Jakobson com assistência de H. Baran, O. Ronen e Martha Taylor. The Hague: Mouton, 1974. Nesse sentido é também interessante a leitura do ensaio "O drama da Ciência: a correspondência de Trubetskói com Jakobson", que Krystyna Pomorska, última esposa de Roman Jakobson, dedicou à correspondência entre os dois linguistas. Cf. In: POMORSKA, Krystyna. *Jakobsonian Poetics and slavic narrative*. Durham: Duke University Press, 1992, pp. 120-135.

Na *Morfologia do conto maravilhoso*, Vladimir I. Propp demonstra forte influência da Botânica, mais particularmente de um ramo desta, a Morfologia Vegetal. É o próprio Propp que esclarece que seu estudo estará pautado por esse princípio: “A palavra *morfologia*, informa ele, significa o estudo das formas. Em botânica, por morfologia entende-se o estudo das partes que constituem uma planta e das relações entre essas partes e o todo: em outras palavras, o estudo da textura de uma planta.”¹¹ Mais adiante, ficamos sabendo que a noção de morfologia, presente de alguma forma em todos os capítulos de seu livro – notadamente nas partes concernentes à dissecação do conto maravilhoso em funções –, tem ligação direta com a *Morfologia* de Johan Wolfgang von Goethe (1749-1832). Ou seja, trata-se novamente da influência de metáforas orgânicas alemãs nos estudos sobre linguagem. Propp explica:

O próprio termo “morfologia” não foi tomado de empréstimo nem daqueles manuais de botânica cujo objetivo principal é a sistemática, nem dos tratados gramaticais, mas das obras de Goethe, que sob este título recolheu estudos de botânica e osteologia. Com este termo abria-se para Goethe uma perspectiva no reconhecimento das leis que compreendem a natureza em geral.¹²

Muitos dos capítulos de *Morfologia do conto maravilhoso* são encabeçados por extensas epígrafes de Goethe, que versam particularmente sobre o holismo, morfologia e conhecimento científico. Não se deve subestimar a importância destas metáforas, uma vez que com elas Propp almejava uma correta compreensão do seu estudo estrutural; ele parece, por um lado, acreditar que essas citações dariam um ar científico à sua obra. Por outro lado, essas mesmas epígrafes tiveram uma outra participação importante: em sua resposta à resenha que Lévi-Strauss escreveu para a edição inglesa de seu livro de 1958, Propp deixou claro que o equívoco interpretativo do antropólogo, em boa medida, se

11 PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto maravilhoso*. 2ed. São Paulo: Forense Universitária, 2010, p. 01.

12 Idem, p. 236.

devia ao fato de essa edição ter misteriosamente suprimido as epígrafes de Goethe, que fazem toda a diferença na assimilação de seu método analítico.¹³

Em 1984 o acadêmico americano Peter Steiner publicou sua monografia *Russian formalism. A Metapoetics*. Steiner divide a primeira parte de seu estudo do Formalismo Russo segundo três metáforas: a máquina, o organismo e o sistema. Cabe salientar para o momento presente que, na seção “o organismo”, o autor salienta uma tendência no interior do formalismo, representada por Viktor Chklóvski, Boris Eichembaum, Victor Zirmunski e Aleksandr Skaftimov, que a denomina de “formalismo morfológico”; conforme ele, uma tendência que também tinha influência da morfologia de Goethe e do naturalista francês Georges Cuvier (1769-1832).¹⁴

Como último exemplo, poderíamos citar o caso do semiólogo Iúri Lotman, que também demonstrou certa inclinação para os usos de tais metáforas no desenvolvimento de sua teoria semiótica, sem contar que, enquanto estudante secundarista sob a influência de Anatoli Kukúlevitch, esteve inclinado a estudar Biologia, particularmente entomologia.¹⁵ O conceito mais vigoroso em sua obra teórica é o de “semiosfera”, um termo cunhado em analogia com a biosfera, espaço de convívio de diversas vidas na crosta terrestre.

Com a circulação de tantas ideias de teor biológico e orgânico em solo russo, Bakhtin, ao que tudo indica, parece ter

13 Propp escreveu: “O professor Lévi-Strauss conhece meu livro apenas na tradução inglesa, mas o tradutor se permitiu uma liberdade inadmissível. Ele não compreendeu absolutamente o porquê das epígrafes, que aparentemente nada têm a ver com o texto; sendo assim, ele as julgou ornamentos inúteis e suprimiu-as barbaramente. No entanto, todas as epígrafes foram retiradas daquela série de trabalhos de Goethe reunidos por ele sob o título genérico de Morfologia. [...] todas essas epígrafes [...] tinham o propósito de expressar o que havia sido deixado sem ser dito no texto do meu livro. [...] Mas epígrafes também devem expressar uma outra coisa: o reino da natureza e o reino das atividades humanas não estão separados.” (PROPP, 2010, op. cit. p. 236)

14 Cf. STEINER, Peter. El formalismo Ruso: una metapoética. Madrid: Akal ediciones, 2001, pp. 63-89; ORTÍ, Pau Sanmartín. Otra historia del formalismo ruso. Madrid: Ediciones Lengua de Trapo SL, 2008.

15 LOTMAN, Iúri. Non-memoirs. London (UK): Dalkey Archive Press, 2014. Leia-se: “He [Kukulevitch] had great influence on me. Until then I planned to study entomology”, p. 14.

aderido à mesma tradição, pois metáforas de mesmo teor são utilizadas constantemente em sua teoria do romance, sobretudo nos conceitos de híbrido orgânico e híbrido intencional.

3. Híbridismos linguísticos bakhtinianos

Em *Questões de Literatura e de Estética*, livro de ensaios de crítica literária que saiu na Rússia em 1975, pouco depois da morte do autor, Bakhtin apresentou, pela primeira vez, a sua concepção de hibridismo e estabeleceu uma distinção fundamental entre dois tipos de híbrido linguísticos: “híbrido inconsciente ou orgânico” e “híbrido romanesco ou intencional”. Para o pensador russo, a hibridização é, em linhas gerais, a mistura de duas ou mais línguas ou linguagens, um encontro entre duas ou mais consciências linguísticas.

3.1. Híbrido orgânico ou inconsciente

A definição apresentada por Bakhtin de um híbrido de tipo orgânico é a seguinte:

A hibridação não-intencional e inconsciente é um dos fatores mais importantes na vida e na evolução histórica de todas as línguas. Diríamos mesmo que, historicamente, a linguagem e as línguas mudam principalmente pela hibridação, por meio de uma mistura de várias “línguas” que coexistem dentro das fronteiras de um único dialeto, uma única língua nacional, um único ramo, um único grupo de diferentes ramos, no passado histórico bem como do paleontológico das línguas.¹⁶

Na perspectiva bakhtiniana, toda língua é, em última instância, um sistema híbrido. Os trâmites de palavras entre diferentes línguas sempre existiram, e hoje, uma época em que se celebra a comunicação digital e a plena acessibilidade aos meios de comunicação, tal processo de hibridação tem se tornado mais evidente. Dessa forma, seria um contrassenso caracterizar o hibridismo linguístico como um fenômeno

16 BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. 6ed. São Paulo: Hucitec, 2010, pp. 358-359.

típico dos nossos dias, muito embora seja atualmente muito mais recorrente que em qualquer outra época. A observação do hibridismo linguístico, por exemplo, possibilitou ao monge protestante Martinho Lutero, nos primórdios da Europa moderna, afirmar com certa veemência: “Todas as línguas são mistas”,¹⁷ tal assertiva em muito antecipou um campo de estudos sobre o qual a linguística moderna viria longamente a se debruçar.

Recuando um pouco na história, essa mesma consciência de que as línguas mudam via processo de hibridização orgânica já não era, como se poderia pensar, um processo estranho ao homem medieval. Numa passagem de *De Vulgari Eloquentia* (1196, p. 76), Dante Alighieri manifesta uma nítida consciência de que nenhuma língua está alheia a modificações, por isso contesta, já na Idade Média, a ideia de pureza linguística:

[...] dado que o homem é um animal variável e mutável, nossas línguas não podem ter qualquer duração ou continuidade. Como tudo o mais que nos pertence, como nossos hábitos e costumes, nossas línguas devem necessariamente variar no que diz respeito ao espaço e ao tempo.¹⁸

Com o fim do império romano, há o declínio da utilização do latim vulgar junto às colônias, e isso possibilitou o surgimento gradativo das chamadas línguas vernáculas ou simplesmente vernáculos. Estes eram, em fases anteriores às suas standardizações, híbridos orgânicos por excelência, pois correspondiam às misturas inconscientes entre o latim falado e os substratos ou línguas locais, faladas nas colônias antes da dominação romana. A esse respeito escreve Erich Auerbach:

A língua de substrato, com seu cessar pouco a pouco de ser falada, deixa um resíduo articulatorio, de processos morfológicos e sintáticos que novos romanizados faziam entrar na língua latina que falavam; conservavam, outrossim, algumas palavras de sua língua, fosse porque estivessem pro-

17 LUTERO, Martinho apud BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural* (4ª reimpressão). Porto Alegre: Unissinos, 2013, p. 49. No original: *Omnes linguae inter se permixtae sunt*.

18 Dante Alighieri apud HELLER-ROAZEN, Daniel. *Ecolalias: sobre o esquecimento das línguas*. Campinas: Editora Unicamp, 210 p. 186.

fundamente enraizadas, fosse porque não existissem equivalentes em latim; é o caso, sobretudo, de denominações de plantas, instrumentos agrícolas, vestimentas, comidas etc.¹⁹

Muito também se deve à literatura desse período o papel fundamental na consolidação das línguas românicas. Como ainda observa Auerbach, é Dante Alighieri, por exemplo, quem funda a língua literária italiana com a *Divina Comédia*, constatação que pode igualmente ser estendida a Camões em relação a *Os Lusíadas*, a Miguel de Cervantes em relação a *Dom Quixote*, a William Shakespeare em relação a todas as suas peças, ou mesmo a Geoffrey Chaucer, que, segundo uma estimativa relacionada a *The Canterbury Tales*, introduziu cerca de noventa e nove novas palavras no léxico da Língua Inglesa entre o fim da Idade Média e prenúncios do Renascimento inglês.²⁰ Tais escritores, à falta de termo melhor, podem ser considerados “purificadores de idiomas” no sentido de que, via obra literária, procuraram estandardizar línguas imersas em complexos ciclos de hibridização, tornando suas obras verdadeiros manuais – quase gramáticas – destinados àqueles que pretendiam se expressar corretamente.

O romancista italiano Umberto Eco contemplou, via obra literária, o caos linguístico que reinava na Europa entre o fim da Idade Média e prenúncio da Idade Moderna por meio da fala de seu personagem Salvatore, do romance *O nome da Rosa*. Em um diálogo com o frei Guilherme de *Baskerville*, aquele fala por meio de uma língua híbrida, uma espécie de vernáculo que, à época descrita no romance, ainda estava se estabelecendo, e, por isso mesmo, deixa entrever muito da sua raiz latina: “*Oh, femena que vendese como mercandia, não pode unca bon ser, ni haver cortesia, recitou Salvatore. [...] Deu, quanto são as femene de malveci scaltride! Pensam dia e noite como o omo escarnece...*”²¹ O ato ilocutório de Salvatore, pensado neste contexto de mudança linguística do latim

19 AUERBACH, Erich. Introdução aos estudos literários. São Paulo: CosacNaify, 2015, pp. 74-75.

20 Cf. ALEXANDER, Michael. A history of English Literature. 3ed. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2013, pp. 86-64.

21 ECO, Umberto. O nome da rosa. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012, pp. 300-301.

em direção a línguas românicas ou neolatinas, acaba por caracterizá-lo numa condição de “informante local”, no sentido de que na sua fala se entreveem marcas linguísticas de sua época, ao mesmo tempo em que se configura um horizonte de expectativas no que tange ao local de onde se fala, ou seja, de seu local de enunciação.

Há fases no percurso evolutivo das línguas em que as ocorrências de hibridização são maiores e mais evidentes do que em outras. Durante o período de ocidentalização da Rússia, para citar outro exemplo, no século XIX, durante o qual reinaram Pedro, o Grande, e sua subsequente sucessora, Catarina, a Grande,²² a cultura francesa se tornou o paradigma digno de ser seguido pela nobreza.

Dentre todas as importações que a Rússia fez do Ocidente nesse período – e elas não foram poucas –, falar francês era, seguramente, uma das marcas distintivas da elite da época. Dessa maneira, a língua francesa passou a conviver em pé de igualdade e, posteriormente, até de superioridade com a língua russa. O idioma de Púchkin era, no auge da ocidentalização russa, quase desconhecido da nobreza, sendo falado quase que exclusivamente pela gente simples do povo, aí incluindo camponeses, pobres, operários e pessoas de pouca escolaridade.²³

Essas importações ocidentais fixaram raízes mais profundas na cultura russa, sendo, em grande escala, responsáveis por uma segmentação ideológica que perdura até os dias de hoje. Trata-se da bipartição entre “eslavófilos” e “ocidentalistas”: os primeiros defendiam uma Rússia “pura”, totalmente voltada para suas tradições locais; o segundo grupo, seguindo a mentalidade europeia de Pedro, o Grande, defendia que a Rússia deveria sim importar tudo quanto fosse necessário do Ocidente, principalmente da França, concebida como o su-

22 Pedro, o Grande (1672-1725), também é conhecido como Pedro I, e Catarina, a Grande, como Catarina II (1729-1762). Cf. BERNARDINI, Aurora. “Entre dois mundos” Cadernos entre livros, nº 2 (Panorama da literatura russa). São Paulo: Duetto editorial, 2010, pp. 6-19.

23 Nesse sentido, vale a leitura de A formação da Rússia moderna, de Lionel Kachan, particularmente os capítulos 7 e 8. Lisboa: Ulisseia, 1962.

prassumo da cultura civilizada. Essa dicotomia entre Eslavófilos e Ocidentalistas deixou marcas profundas no *ethos* cultural russo.²⁴

O fenômeno do bilinguismo deste período não passou despercebido pela chamada *intelligentsia* russa. Púchkin, em carta a seu irmão Liév, datada de 24 de janeiro de 1822, vociferava: “Em primeiro lugar quero discutir um pouco contigo: como não se envergonha, meu querido, de escrever cartas meio francesas e meio russas, você não é uma prima moscovita.”²⁵

Já no romance *Guerra e Paz*, Liev Tolstói apresentou uma miríade de exemplos do hibridismo linguístico que existia na Rússia ocidentalizada. A língua predominante no romance é o russo, mas cerca de 2% do livro está escrito em francês, além de conter passagens em alemão, inglês e italiano. Tomemos o caso do diplomata russo Bilibin, que fala preferencialmente em francês e usa o russo somente naquelas palavras que ele pretende sublinhar com certo desprezo. Isso permite que tomemos o caso de Bilibin como um estereótipo social russo que preferia se expressar na língua de Rousseau. Vale apresentar aqui ao menos um pequeno fragmento do primeiro parágrafo de *Guerra e Paz*, trata-se da fala de abertura do romance, pronunciada por Anna Pávlovna Scherer, dama de honra e favorita de imperatriz Maria Fiódorovna, em julho de 1805:

— Eh bien, mon prince. Gênes et Lucques ne sont plus que des apanages, des поместья, de la famille Buonaparte. Non, je vous préviens que si vous ne me dites pas que nous avons la guerre, si vous vous permettez encore de pallier toutes les infamies, toutes les atrocités de cet Antichrist (ma parole, j’y crois) — je ne vous connais plus, vous n’êtes plus mon ami, vous n’êtes plus мой верный раб, comme vous dites. Ну, здравствуйте, здравствуйте. Je vois que je vous fais peur, садитесь и рассказывайте”²⁶

24 Cf. BERNARDINI, Aurora. “Entre dois mundos” Cadernos entre livros, nº 2 (Panorama da literatura russa). São Paulo: Duetto editorial, 2010, pp. 6-19. KACHAN, Lionel. A formação da Rússia moderna. Lisboa: Ulisseia, 1962, p. 107-133.

25 PÚCHKIN apud LOTMAN, Lúri. Cultura y explosión. Madrid: Gedisa Editorial, 1999, p. 98.

26 Толстой, Лев. Война и мир. Собрание сочинений (Vol. 1 [=Vol. 4.]). Moscow: Наука,

Além de ilustrar o caso do hibridismo linguístico que se grassava na Rússia de então, segundo a perspectiva de Tostói, citar o exemplo no original permite vislumbrar o hibridismo entre alfabetos distintos, no caso entre o cirílico e o romano ou latino.

Já na França de meados do século XX, o processo era o inverso: a ordem era reduzir o processo de hibridização da língua francesa. Em 1975, um comitê organizado por Charles de Gaulle aprovou a chamada lei Bas-Lauriol, que proibia – sobretudo por parte dos órgãos públicos – o uso de palavras de outras nacionalidades sempre que o léxico francês dispusesse de termo de mesmo significado. Tratava-se de uma dura atividade que exigia, por parte das repartições públicas, um acurado conhecimento da língua de Napoleão. Este caso ilustra uma tentativa relativamente recente de frear o processo de hibridização orgânica de uma dada língua, ação essa em grande medida fadada ao fracasso, uma vez que, conforme argumenta Bakhtin, no uso cotidiano das línguas, o processo de hibridização se dá quase sempre de forma natural e inconsciente.

No caso do Brasil, as misturas têm sido diversas. Conforme tem mostrado Rodolfo Ilari em livros como *O português da gente*, a língua portuguesa vem passando por complexos processos de hibridização desde a colonização. Num primeiro momento há a mistura entre o português europeu e as diversas línguas indígenas aqui faladas; posteriormente, há a influência das línguas africanas, seguidas das línguas dos imigrantes europeus etc.

A essa oscilação inerente ao percurso evolutivo das línguas entre períodos com maior concentração de hibridização e aqueles em que ela é quase imperceptível – mas jamais inexistente –, o antropólogo americano Brian Stross sugeriu a denominação de “ciclos de hibridização”. Segundo ele, “pode-se [...] examinar processos diacrônicos que poderiam ser chamados de ‘ciclos de hibridização’: um ciclo que vai de uma forma ‘híbrida’, de relativa heterogeneidade àquela homogê-

nea e, depois, volta à heterogeneidade”.²⁷

A todas as exemplificações e definições fornecidas por Bakhtin no sentido de ilustrar seu conceito de híbrido orgânico ou inconsciente, poder-se-ia igualmente acrescentar o termo “língua crioula”, cunhada pelo poeta jamaicano Edward Kamau Brathwaite, por volta de 1970. Os pontos de intersecção entre os conceitos de Brathwaite e os de Bakhtin, embora separados no tempo e no espaço, são evidentes e reafirmam a já mencionada diversidade de termos para muitas vezes designar uma única realidade. A noção de língua crioula, na perspectiva de um dos seus idealizadores, o martinicano Edouard Glissant, é a seguinte:

E o que é uma língua crioula? É uma língua compósita, nascida do contato entre elementos linguísticos absolutamente heterogêneos uns aos outros. Os crioulos francófonos do Caribe, por exemplo, nasceram do contato entre falares bretões e normandos do século XVII, com uma sintaxe que, embora não saibamos muito bem como funciona, pressentimos ser uma espécie de síntese das sintaxes das línguas da África negra subsaariana do oeste. [...] O que chamo de língua crioula é uma língua cujos elementos constituintes são heterogêneos uns aos outros. Não chamo de língua crioula, por exemplo, a extraordinária língua dos poetas jamaicanos da *dub poetry*.²⁸

Imprescindível enfatizar que tanto as línguas crioulas como o híbrido orgânico bakhtiniano são fenômenos a que toda língua está susceptível no seu devir histórico, além de serem eventos aferíveis, particularmente no âmbito da fala, não havendo por parte dos falantes qualquer intenção consciente de hibridização. Tais fenômenos nascem dos empréstimos linguísticos, de estrangeirismos, da combinação entre elementos de idiomas.

Nesse ponto, poderíamos recorrer novamente à metáfora botânica do híbrido natural para ressaltar sua “semelhança de

27 STROSS, Brian. “The hybrid metaphor: from Biology to culture.” In: *The Journal of American Folklore*, vol. 112, nº 445, 1999, pp. 254-267.

28 GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade* (1ª reimpressão). Juiz de Fora: UFJF, 2013, p. 22.

família” para com o híbrido não intencional, ou mesmo com o conceito de língua crioula. A imprevisibilidade é o mote determinante nesses tipos de hibridação, uma vez que todos eles desconhecem a soma das partes até que estas se concretizem num novo elemento que, por sua vez, poderá ou não conter características mais acentuadas de uma das partes envolvidas.

Glissant não se mostra inclinado a incluir a *dub poetry* dos poetas jamaicanos na categoria de língua crioula, pelo fato de ser essa uma língua híbrida não espontânea, ou seja, não se trata de um fruto imediato dos processos de misturas linguísticas; antes disso, corresponde a uma mistura pensada, com finalidades estéticas, como o híbrido romanesco bakhtiniano que se verá a seguir.

3.2. Híbrido intencional ou romanesco: a mistura com finalidades estéticas

Sobre o híbrido intencional ou romanesco, Bakhtin defenderá que, nesse caso, haverá sempre *a priori* – e este é seu traço distintivo – a intenção estética de quem o promove, ou seja, aqui não se trata de um fenômeno natural no percurso evolutivo das línguas, mas ao contrário: há evidente interesse em produzir um artefato artístico, no caso da literatura. Suas características lembram o “híbrido artificial” ou enxertia de que se vale a Botânica para descrever os processos de cruzamento entre plantas diferentes, levados a cabo com auxílio do homem.

Um híbrido de tipo romanesco, como o nome já antecipa, é o que ocorre particularmente na literatura e não na fala cotidiana, a menos que esta deste recurso se valha; contudo, se assim for, ele será logicamente estilizado de ponta a ponta. O híbrido intencional de Bakhtin põe em confronto dialógico diferentes pontos de vista, diferentes vozes, diferentes linguagens ou mesmo diferentes línguas, numa mesma estrutura conflituosa, gerando um campo de tensão entre as linguagens envolvidas. É justamente desse espaço conflitivo e tenso de línguas e linguagens em contato, uma revelando a outra, que se origina o híbrido romanesco. Ele não é apenas bivocal e duplamente

acentuado, como também bilíngue. Corresponde a um diálogo tenso entre duas ou mais realidades linguísticas distintas ou, na acepção de Humboldt²⁹, entre “visões de mundo” diferentes, no interior de uma mesma obra literária.

O híbrido intencional bakhtiniano requer, desta forma, uma verdadeira fenomenologia da percepção, pois, ao invés de se ater ao misturado, que pressupõe resultado, há de se preocupar sobretudo em contemplar a ação que gera a mistura, que, por sua vez, indica um processo apontando sempre para um devir, para uma não-finalização. Ou seja, corresponde, conforme a expressão de Theodor Adorno, a uma “síntese aberta”, a um *work-in-progress*, cuja totalidade, embora sempre esboçada, apresenta-se também sempre inconclusa. Vejamos uma síntese proposta pelo próprio Bakhtin:

Resumindo as características de um híbrido romanesco, podemos dizer: diferentemente da mistura opaca de línguas em enunciados vivos que são falados numa linguagem historicamente em desenvolvimento [...], **o híbrido romanesco é um sistema artisticamente organizado de forma a pôr diferentes línguas em contato, um sistema cujo propósito é a iluminação de uma língua por meio da outra, o delineamento de uma imagem viva de outra língua.**³⁰

Na tentativa de melhor aclarar o conceito e distingui-lo de qualquer outro tipo de hibridismo, Bakhtin, mais uma vez, enfatiza:

Um híbrido artístico requer um esforço enorme: ele é estilizado de ponta a ponta, pensado, pesado, distanciado. Com isto ele difere da mistura de linguagens dos prosadores medíocres, mistura superficial, irrefletida, sem sistema, que frequentemente destaca a falta de cultura. Nesses híbridos não existe a combinação dos sistemas linguísticos consistentes, mas simplesmente uma mistura dos elemen-

29 Cf. HUMBOLDT, William von. “The nature of conformation of language”. In: MUELLER-VOLLMER, Kurt (org.). *The hermeneutics reader*. Oxford: Blackwell, 1985, p. 104; sobre essa visão particular de Humboldt ver VOLOSHINOV, V.N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2010 e MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de linguagem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, pp. 62-66.

30 BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. 6ed. São Paulo: Hucitec, 2010, p. 361. Grifos meus.

tos das linguagens. Não há orquestração por meio do plurilinguismo, é, na grande maioria dos casos, simplesmente a linguagem direta do autor, impura e não elaborada.³¹

Para que a diferença entre as duas formas de hibridismos faça sentido, torna-se necessário recordarmos aqui uma conhecida distinção entre língua e linguagem. Em linhas gerais, língua corresponde a um sistema gramatical e lexical por meio do qual os indivíduos de uma comunidade se interagem. Conforme concebida por Saussure, ela é um fato social porque pertence não a um único indivíduo, mas aos membros de uma comunidade de falantes. Já a noção de linguagem diz respeito aos usos individuais que cada falante ou escritor faz de uma dada língua. No caso da literatura, por se tratar de um ato individual, o mais correto então seria denominar linguagem literária e não língua literária.

A língua russa não faz distinção na forma entre língua e linguagem, as diferenças residem apenas no plano do conteúdo e dependem do contexto de enunciação. Tanto para língua quanto para linguagem usa-se indistintamente o termo “язык” (*iazik*). Para se ter uma ideia, quando da tradução russa de 1999 do *Curso de linguística geral*, de Ferdinand de Saussure, livro em que a distinção entre língua e linguagem é bastante marcada, os tradutores se viram numa encruzilhada, precisaram cunhar a expressão neológica “языковая деятельность” (*iazikóvaya deiátelnost*), literalmente atividade linguística, como correspondente em russo para a palavra “linguagem”. Nas línguas neolatinas, a distinção já está depurada, restando ao tradutor promover na língua de chegada a distinção.

Bakhtin usa a palavra “язык” (*iazik*) nos dois sentidos na sua teoria do romance, ou seja, às vezes está se referindo à língua, às vezes à linguagem. Isso não permite descartar que o conceito de híbrido romanescos pode tanto se referir à mistura de linguagens quanto línguas diferentes, dependendo de seu contexto de uso.

31 BAKHTIN. Idem, 2010, p. 162.

No ensaio “O discurso no romance”, de *Questões de literatura e de estética*,³² Bakhtin associa o conceito de “híbrido romanesco” a outros três conceitos basilares em sua própria teoria, quais sejam: dialogismo, polifonia e plurilinguismo. Dentre as três, possivelmente a última é a que envolve mais particularidades e tem fundamental importância na sua fundamentação.

A palavra russa “разноречие” (*raznoriétchie*) – que significa plurilinguismo, pluridiscorso, plurilinguagem – é um termo formado pelo prefixo разние (*raznie*) que significa muitos, diversos, diferentes, “pluri”, e речи (*riétchi*), falas, discursos, línguas, linguagens.

Alguns teóricos, entre eles Craig Brandist, veem nessa palavra um dos conceito-chave de sua teoria do romance. Observam também as implicações e dificuldades de interpretação que o conceito gerou e tem gerado até hoje em diferentes partes do mundo, o que se deve às diferentes traduções recebidas e às suas formas particulares de recepção, que, no geral, tendem a se ajustar a tradições de estudos literários locais, fazendo com que muitas vezes o conceito perca ou altere parte de seu valor semântico original e ganhe uma cara regionalista.

A solução apresentada na tradução inglesa de Michael Holquist e Caryl Emerson, que saiu em 1981, foi traduzir *разноречие* por *heteroglossia*, um neologismo que se refere à pluralidade discursiva; na língua francesa há duas traduções do termo: *hetérologie*, sugerida por Tzvetan Todorov, e *plurilinguisme*, opção de Daria Olivier, significando diversidade de linguagens; no português há também duas versões para o termo russo: plurilinguismo, sugerido por Aurora Bernardini, e, mais recentemente, uma outra que em tudo destoava das anteriores: “pluridiscorso” ou “heterodiscorso”, este último pouco palatável ao leitor brasileiro, pois traz à baila o termo “discurso”, ressoando, não raro, à análise do discurso francesa. Parece que, no Brasil, a obra de Bakhtin tem rece-

32 Deve-se notar que os tradutores da obra nas edições da HUCITEC tiveram o cuidado de apresentar língua e linguagem conforme seu contexto, coisa que não ocorreu em outras traduções.

bido enfoques cada vez mais linguísticos, mesmo aqueles livros de caráter explicitamente teórico-literários.³³

O quadro 1, a seguir, sintetiza as principais traduções de *Questões de literatura e de estética* pelo Ocidente³⁴.

Bakhtin parte do princípio de que a personagem que fala no romance é responsável por trazer o plurilinguismo do mundo social real para o interior da obra literária, ou seja, a diversidade de línguas e linguagens do mundo entra no romance principalmente por meio desse procedimento.

A prática de híbrido romanesco requer habilidade no uso dos elementos linguísticos constituintes, pois, como enfatiza Bakhtin, o resultado poderá ser opaco, superficial e irrefletido. O híbrido romanesco especifica particularmente uma mistura profunda e refletida sobre a matéria-prima do romance, ou seja, sobre suas diferentes linguagens.

Os exemplos aos quais recorre Bakhtin para ilustrar seu híbrido romanesco envolvem fragmentos de romances de Henry Fielding (1707 – 1754), Laurence Sterne (1713 – 1768), Charles Dickens (1812 – 1870), Theodor Von Hippel (1741 – 1796), Jean-Paul (1812 – 1825) e, logicamente, Liév Tolstói³⁵. Tomemos um

33 Patrick Sériot observa que a obra de Bakhtin recebeu enfoques muito diferentes de acordo com os lugares e as épocas de recepção: “O Bakhtin “francês” dos anos 1970 seria o precursor da teoria da enunciação, uma espécie de aluno “prodígio” de Benveniste, ou ainda um renovador da Teoria marxista das ideologias; o Bakhtin “maricano”, dos anos 1980, seria um pensador liberal, adversário do totalitarismo stalinista, por vezes utilizado pelos movimentos feministas; quanto ao Bakhtin “russo”, dos anos 1990, é um pensador moralista e religioso ortodoxo, personalista e profundamente conservador. “Visto do Oeste”, Bakhtin se inscreve no movimento da morte do autor, via sujeito, atravessado por um discurso feito essencialmente de alteridade e de heterogeneidade. “Visto do Leste”, ao contrário, Bakhtin é totalmente orientado em direção a uma retomada da posse de si, onde o tema central é a personificação, que dá autoria e voz a todo sentido.” SÉRIOT, Patrick. “Bakhtin no contexto: diálogo de vozes e hibridação das línguas (o problema dos limites”. In: ZANDWAIS, Ana (org.). Mikhail Bakhtin: contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 2005, pp. 59-60.

34 Uma primeira versão desta tabela foi apresentada por Maria Inês Batista Campos, no ensaio “Questões de literatura e de estética: rotas bakhtinianas”. Cf. BRAIT, Beth (org.). Bakhtin: dialogismo e polifonia. São Paulo: Contexto, 2013, p. 115. Para este trabalho, adicionei a mais recente tradução do livro de Bakhtin para o português.

35 Há um fato curioso envolvendo a abordagem da literatura de Tolstói na teoria bakhtiniana. A princípio, Bakhtin o considerava um escritor com tendências “monológicas”, depois,

IDIOMA	TÍTULO	TRADUTOR	ANO
Francês	<i>Esthétique et théorie du roman</i>	Daria Olivier	1978
Alemão	<i>Die Ästhetik des wortes</i>	Rainer Grübel e Sabine Reese	1979
Italiano	<i>Estetica e romanzo</i>	Rainer Grübel e Sabine Reese	1979
Inglês	<i>The dialogical imagination: four essays by M. Bakhtin</i>	Michael Holquist e Caryl Emerson	1981
Português	<i>Questões de literatura e de estética: a teoria do romance</i>	Aurora F. Bernardini Homero Freitas de Andrade et alii.	1988
Espanhol	<i>Teoría y estética de la novela</i>	Helena S. Kriukova e Vicente Cazcarra	1989
Português	<i>Teoria do romance I – A</i>	Paulo Bezerra	2015

(Quadro 1. Tabela contendo as traduções de livro "Вопросы литературы и эстетики. Исследования разных лет" para algumas línguas ocidentais)

exemplo apresentado pelo filólogo russo, extraído do romance *Little Dorrit*, de Dickens:

A conferência realizou-se às quatro ou cinco horas da tarde, quando toda a região de Harley Street, Cavendish Square, ressoava sob as rodas dos carros. Tinha chegado a esse ponto quando o Sr. Merdle foi para casa, *tendo deixado sua ocupação diária de tornar o nome inglês cada vez mais respeitado em todas as partes do globo civilizado capaz de reconhecer a empresa comercial mundial e as combinações gigantescas de habilidade e capital*. Porque, embora ninguém soubesse com a menor precisão qual era o negócio do Sr. Merdle, salvo que consistia em cunhar moeda, havia os termos nos quais todos o definiam em todas as ocasiões cerimoniais e nos quais ele era a mais nova e polida leitura da parábola do camelo e da agulha.³⁶

misteriosamente, passa a incluí-lo na categoria dos escritores que mais evidentemente promoveram o dialogismo em suas literaturas. Esse fato foi lembrado por Boris Schnaiderman na entrevista que concedeu a Geraldo Tadeu Souza, a qual se encontra relacionada na bibliografia final.

36 DICKENS, Charles. *Little Dorrit*. Fragmento traduzido por Antonio de Pádua Danesi para MORSON, Gary Saul; EMERSON, Caryl. Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística. São

Não à toa, Bakhtin realiza um grifo justamente no momento em que a linguagem do narrador assume um tom cerimonioso, que difere acentuadamente daquele do resto do fragmento. Tudo se passa como se, neste momento específico, o narrador de Dickens assumisse uma linguagem que não é propriamente a sua, mas a do homem de negócios do século XIX. O discurso burocrático parece estar incorporado no discurso do narrador sem que ele dissesse se dê conta. Uma espécie de “voz” que parece coabitar na fala da personagem. Eis um exemplo de híbrido romanesco que se dá quando o romance assume para si linguagens de diversos estratos sociais, nesse caso a do *bussiness man*.

Bakhtin diz que toda palavra, particularmente a palavra no romance, incorpora sentidos que ela adquiriu em seus contextos de usos anteriores. Nesse panorama, seria bastante improvável, por exemplo, alguém escrever ou mesmo pronunciar algo do tipo “ser ou não ser”, sem que imediatamente associássemos essa expressão ao seu conhecido contexto de uso por parte do príncipe Hamlet. Isso também acontece em um menor grau, no interior de uma mesma obra, quando as palavras ditas por uma dada personagem podem adquirir novos matizes de sentido a partir dos usos individuais, e toda vez que essas mesmas forem ditas/escritas é como se houvesse associadas a elas algo como “aspas entonacionais”, remetendo aos contextos de usos anteriores. Não por acaso, uma das seções de *Questões de literatura e de estética* leva o título de “A pessoa que fala no romance”, local particular em que Bakhtin vai detalhar o seu conceito de híbrido romanesco. As personagens são as principais responsáveis por promover a hibridização discursiva, elas são “contaminadas” por discursos alheios e passa a reproduzi-los. Falam palavras de outrem em uma linguagem também de outrem, cabe ao escritor o papel de orquestrar essas vozes todas de maneira a realizar seu híbrido intencional.

Paulo: Edusp, 2008, p. 348. (Grifos de Bakhtin).

Irene A. Machado escreve que

As palavras e formas estão carregadas desta intencionalidade que torna o discurso literário uma manifestação daquilo que Bakhtin denominou plurilinguismo: trata-se não de uma linguagem, mas de um diálogo de linguagens. O desafio que se coloca ao poeta prosador é carregar com suas intenções este discurso já povoado pelas intenções sociais de outrem. Este procedimento enfatiza o aspecto elementar do plurilinguismo no romance: a bivocalidade do discurso do autor, que serve a dois locutores e a duas intenções.³⁷

Em essência, o tratamento que Bakhtin dá à linguagem romanesca não difere muito daquele atribuído à fala, ao discurso oral; ele concebe o romance enquanto grande diálogo, seja entre personagens, entre autor e personagem ou mesmo entre um personagem consigo mesmo. Tudo lógica e, conforme ele mesmo enfatiza, sabiamente orquestrado.

Essa ênfase no processo de elaboração da linguagem romanesca nos coloca ante uma típica defesa da literatura de linguagem, ou seja, de um tipo particular de obra literária que põe a linguagem em primeiro plano: “Um híbrido artístico”, enfatiza Bakhtin, “requer um esforço enorme: ele é estilizado de ponta a ponta, pensado, pesado, distanciado. Com isto ele difere da mistura de linguagens de prosadores medíocres”,³⁸ completa o autor. A ênfase na orquestração das linguagens em contato, que está na base do híbrido romanesco, aponta paralelos com a escola formalista russa. Não estamos tão distantes das propostas estéticas apresentadas na primeira metade do século XX, por críticos como Roman Jakobson, Victor Chklóvski e Iúri Tyniánov. Atualmente, depois de muitas pesquisas nessa área, já se pode falar das influências da escola formalista sobre Bakhtin e seu Círculo. Muitos foram os teóricos que outrora enfatizaram as contradições entre os dois movimentos, mas hoje outros tantos apontam com precisão as afinidades existentes entre as duas escolas.³⁹

37 MACHADO, Irene. O romance e a voz: a prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin. Rio de Janeiro: Imago/Fapesp, 1995, p. 59.

38 BAKHTIN, M. Questões de literatura e de estética. 6ed. São Paulo: Hucitec, 2010, p. 162.

39 A aproximação entre os trabalhos de Bakhtin e dos formalistas foi tema de diversos

Uma outra analogia conceitual ainda pode ser percebida entre o conceito de “híbrido romanesco” e a noção “híbrido artificial” fornecida pela Botânica, uma vez que as duas categorias carregam o traço distintivo de serem promovidas intencionalmente e com finalidades definidas *a priori*.

É necessário frisar uma vez mais que Bakhtin, ao transpor o conceito de híbrido da esfera racial para os domínios da filologia, acabou por suprimir deste termo a noção até então predominante de *estado (resultado)* e a inscrevê-lo na noção de *processo (work-in-progress)*. Dessa maneira, Bakhtin inscreve no corpo do conceito de hibridismo uma ideia de síntese aberta, que, por sua vez, jamais alcançará uma síntese final; ele é sempre um processo errante aprisionado na sua não finalização. Como bem observou Robert J.C Young, na teoria de Bakhtin “O hibridismo é [...] um termo-chave, no sentido de que, onde quer que ele aflore, sugere a impossibilidade do essencialismo..⁴⁰

Dizer que o hibridismo bakhtiniano é um processo e não um resultado, e que ele opera por meio de uma síntese aberta que difere permanentemente seu ponto final, é pensá-lo na própria dinâmica do significante de Ferdinand de Saussure. Na bipartição proposta por Saussure para o signo linguístico, o

trabalhos acadêmicos e não acadêmicos. Também é mister afirmar que uma gama de teóricos tem se interessado em elencar as diferenças entre o Formalismo Russo e as ideias de interesse do Círculo de Bakhtin. Um bom exemplo disso é Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística, de Caryl Emerson e Gary Saul Emerson, que contrapõe do começo ao fim as teorias de Bakhtin à dos formalistas russos. Aurora Bernardini, no ensaio “Formalismo russo: uma revisão e uma atualização”, em SEDYCIAS, João (org.), Repensando a teoria literária contemporânea, também aponta a “dependência” da teoria bakhtiniana; no geral, defende ela que Bakhtin se interessava vivamente pelos formalistas russos, mas que, enquanto Jakobson e Tyniánov se dirigiam à poesia, Bakhtin privilegiava o romance. No prefácio que escreveu à tradução espanhola de Poética da Prosa, de Alexandr N. Vesselóvski, José Manuel Cuesta Abad atribui à influência do pensamento de Viesielvski toda uma gama de movimentos e escolas de pensamento surgidos na Rússia, no século XX, inclusive a praticada no Círculo de Bakhtin: “Aun así, la influencia de la Poética histórica fue determinante que, sin ella, resulta poco menos que imposible entender la tradición filológica inmediata de la que surgen la teoría de la lengua poética de los formalistas rusos, la morfología narrativa de Tomashevskii, Propp y Pietrovskii, la antropología literaria de Bajtin, la semiótica de la cultura de Lotman y la Escuela de Tártu, o los estudios fundamentales de Meletinskii sobre la poética histórica del epos y la novela.” (p. 9). Outro a não medir esforços no sentido de aproximar Bakhtin do Formalismo Russo é o linguista Edward Lopes, notadamente em A identidade e a diferença. São Paulo: Edusp, 1997.

40 YOUNG, R. J.C. O desejo colonial. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 33.

significado corresponde ao potencial, ao campo do conteúdo, ao passo que o significante está associado à individualização, à concretização da linguagem. Nisso, Bakhtin também antecipou o que no Ocidente veio a ser denominado de pós-estruturalismo.

4 – A retomada do híbrido intencional por teóricos dos Estudos Pós-coloniais

Os chamados “Estudos Pós-coloniais” correspondem a um movimento crítico surgido entre as décadas de 1980 e 1990, nos departamentos de literatura de universidades americanas, que procura aferir as implicações do discurso colonial ou o que comumente se denomina crítica pós-colonial. Esse movimento parte da delicada questão de que os valores e tradições ocidentais, tanto do pensamento crítico quanto das artes – particularmente da literatura – são responsáveis por um etnocentrismo que se mostra frequentemente repressivo. Bastante influenciada pela filosofia desconstrucionista de Jacques Derrida, a teoria pós-colonial sustenta que modelos de pensamento representados por figuras chaves como Aristóteles, Descartes, Kant, Marx, Nietzsche, Freud, ou mesmo que certos autores consagrados pelo tempo como Homero, Dante, Flaubert, T.S. Eliot, têm dominado de maneira hegemônica a cultura do Ocidente. Isso, segundo tal perspectiva, acaba por marginalizar ou mesmo por calar formas de expressões culturais não-ocidentais.

O martinicano Frantz Fanon (1925-1961), o palestino radicando nos EUA Edward Said (1935-2003), os indianos Gayatri Spivak e Homi K. Bhabha são mundialmente conhecidos como os pais fundadores do movimento. Falemos particularmente de Bhabha, que é o autor de uma noção bastante particular de hibridismo.

Homi K. Bhabha nasceu em 1949, em Bombaim, e foi educado na Índia, Oxford e EUA. Assim como Spivak, goza atualmente de grande prestígio acadêmico nos Estados Unidos: ocupa ao mesmo tempo os cargos de professor na *Harvard University* e de diretor do Centro de Humanidades da mesma instituição.

Figura controversa, é criticado frequentemente tanto pela esquerda quanto pela direita.⁴¹ Entre suas obras, é comum considerar *Nation and narration* (1990), *O local da cultura* (1998) e *O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses* (2011) como as que melhor ilustram seu pensamento. Ainda na década de 1992, Bhabha ficou conhecido no Brasil pelo ensaio “A questão do “Outro”: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo”, que Heloisa Buarque de Holanda incluiu em seu *Pós-modernismo e Política*, além de uma abordagem muito particular do conceito de hibridismo.⁴²

Das tantas influências que recebeu, é possível aferir, sem muitas dificuldades, a já mencionada filosofia desconstrucionista de Derrida, a psicanálise de Jacques Lacan, o pensamento do teórico martinicano Frantz Fanon, a filosofia marxista de Walter Benjamin, o pensamento militante de Edward Said e, particularmente, as teorias linguísticas/literárias de Mikhail Bakhtin, embora esse último nunca tenha sido diretamente considerado pelo próprio Bhabha como uma de suas influências. Seu estilo, além de hermético e rebarbativo, movimentado na forma de citações uma miríade de autores e títulos, o que tem gerado discussões entre especialistas sobre os limites impostos pela forma veiculadora de um pensamento que, de saída, se diz militante a favor dos excluídos e marginalizados do terceiro mundo.

Bhabha formulou conceitos e ampliou outros tantos, dentre os quais se destacam: “mímica” (*mimicry*), “ambivalência”, “terceiro-espço”, “entre-lugar” (*in-between*), “fetiche”, “tradução cultural” e “híbrido”, este último é o que por ora mais particularmente me interessa. Há de se notar a amplitude que algumas destas noções têm alcançado: suas ressonâncias são aferidas em searas do conhecimento distantes entre si, como antropologia, relações internacionais, psicologia social e crítica literária.

Atento às implicações políticas implícitas na teoria sobre

41 Cf. EAGLETON, Terry. A tarefa do crítico. São Paulo: Ed. Unesp, 2010, p. 295.

42 Cf. CARNEIRO, Tereza Dias. “O pensamento-compromisso de Homi Bhabha: notas para uma introdução”. In: BHABHA, Homi K. O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses: textos seletos. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2011, pp. 62-61.

os híbridos de Bakhtin, o teórico do pós-colonialismo, Homi Bhabha, propôs transferir a dialética dissonante entre línguas em contato para o âmbito do discurso colonial, para aí descrever o momento em que o discurso do colonizador se vê coabitado pelo discurso do colonizado e vice-versa. Tudo se passa como se o dominador, aquele que detém o poder de mando, de repente se visse falando à maneira do dominado, o que indicaria a hibridização de sua língua, antes tida como pura e instrumento de alta cultura:

O hibridismo é uma problemática de representação e de individuação colonial que reverte os efeitos da recusa colonialista, de modo que outros saberes “negados” se infiltrem no discurso dominante e tornem estranha a base de sua autoridade – suas regras de reconhecimento.⁴³

O hibridismo, ainda dirá Bhabha,

é o nome desse deslocamento de valor do símbolo ao signo, que leva o discurso dominante a dividir-se ao longo do eixo de seu poder de se mostrar representativo, autorizado. O hibridismo representa aquele “desvio” ambivalente do sujeito discriminado em direção ao objeto aterrorizante, exorbitante, da classificação paranoica – um questionamento perturbador das imagens e presenças da autoridade.⁴⁴

Mas é particularmente o princípio do desmascaramento ou da iluminação mútua que está no cerne do híbrido romanesco bakhtiniano que mais diretamente interessa a Bhabha. Seu foco reside particularmente na seguinte declaração bakhtiniana: “O Híbrido romanesco é um sistema artisticamente organizado de forma a pôr diferentes línguas em contato, um sistema cujo propósito é a iluminação de uma língua por meio de outra, o delineamento de uma imagem viva de outra língua.”⁴⁵

43 BHABHA, Homi K. O local da cultura (5ª reimpressão). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010, p. 165.

44 Idem, p. 164.

45 BAKHTIN, Mikhail. Questões de literatura e de estética. 6ed. São Paulo: Hucitec, 2010, p. 362.

O interesse de Bhabha reside no momento em que o processo de hibridização acaba por promover a iluminação de uma língua por meio de outra, ou seja, o delineamento de uma imagem viva de uma dada língua por meio de outra. A esse propósito, escreveu Robert J.C. Young:

Bakhtin usa a hibridação para descrever a habilidade de uma voz de ironizar e revelar a outra dentro do enunciado. Ele descreve este fenômeno como um “híbrido intencional”, porque, seguindo Husserl, envolverá sempre um “direcionamento” que contém a orientação intencional da palavra, em todo ato de fala dirigido a um destinatário. Para Bakhtin, o hibridismo descreve o processo de desmascaramento autoral do discurso do outro, através de uma linguagem que é duplamente acentuada” e “duplamente estilizada”.⁴⁶

Repetindo um gesto análogo ao de Bakhtin, quando recolheu o conceito de “híbrido” dos domínios raciais e o reinseriu nos domínios da linguagem, Bhabha transpõe agora esse mesmo conceito para um outro contexto, que é totalmente diferente daquele pensado pelo teórico russo. Sobre isso dirá ainda Robert J.C. Young:

Num gesto astuto, Homi K. Bhabha transferiu esta subversão da autoridade, por meio da hibridação, para a situação dialógica do colonialismo, na qual ela descreve um processo “que revela a ambivalência na origem dos discursos tradicionais sobre autoridade”. Para Bhabha, o hibridismo torna-se o momento em que o discurso da autoridade colonial perde o seu domínio unívoco do sentido e se encontra aberto ao traço da língua do outro, o que faculta ao crítico registrar movimentos complexos de alteridade apaziguadora no texto colonial.⁴⁷

Pensado como uma produtividade do discurso, seja do colonizado ou do colonizador, o híbrido colonial de Bhabha revelar-se-á análogo à dinâmica presente no espaço semiótico. Galin Tihanov percebeu certas alterações no pensamento e em certos procedimentos no percurso intelectual de Bakhtin; essas, segundo o crítico, fizeram com que Bakhtin, de filólo-

46 YOUNG, Robert J.C. O desejo Colonial. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 25.

47 Idem, 2005, p. 28.

go, passasse a ser considerado filósofo da cultura. Aos estudos pós-coloniais, o Bakhtin que interessa é justamente este último, uma vez que essa, como toda corrente crítica cuja dominante são valores ideológicos, forjada em ideologias e critérios marxistas, não é uma crítica muito dada a critérios formais.

Convém dizer ainda que muitos teóricos literários e culturais, sociólogos e antropólogos que hoje trabalham com a noção de “Cultura” não concebem o hibridismo enquanto conceito digno de figurar em suas teorias. Entre as razões da recusa está, em primeiro lugar, o fato de esta palavra pertencer, em essência, à Biologia, um campo do conhecimento cuja afinidade com a teoria crítica não é uma realidade, e, em segundo lugar, a constatação do conceito de “hibridismo”, tanto na Biologia como também na Antropologia, pressupor um *status* de pureza e autenticidade. É o caso, por exemplo, do marxista inglês Terry Eagleton; o autor de *Depois da teoria* é herdeiro de uma tradição anglo-saxã – que se estende de Matthew Arnold a Raymond Williams – que aborda o conceito de cultura de maneira bem particular. Esses teóricos têm sido reticentes quanto a adotar o conceito de hibridismo, particularmente aquele que se desenvolveu no âmbito da teoria pós-colonial. A crítica consiste no seguinte:

Em vez de dissolver identidades distintas, ele [o pensamento pós-moderno] as multiplica. Pluralismo pressupõe identidade, como hibridização pressupõe pureza. Estritamente falando, só se pode hibridizar uma cultura que é pura, mas como Edward Said sugere, “todas as culturas estão envolvidas umas com as outras; nenhuma é isolada e pura, todas são híbridas, heterogêneas, extraordinariamente diferenciadas e não monolíticas.”⁴⁸

Tanto na biologia quanto na antropologia um híbrido – seja seu objeto um ser vivo ou uma abstração –, pressupõe um estado anterior de pureza e autenticidade e, por isso, é considerado um conceito dúbio, quando não uma aberração. Hoje, noções como pureza e autenticidade, em termos culturais, são categorias que têm perdido muito sua validade, pois são ideias

48 EAGLETON, Terry. A ideia de cultura. 2ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 28.

contraditórias aos processos de descrições das misturas linguísticas e culturais da contemporaneidade. No entanto, o termo segue sendo utilizado indistintamente por uma outra grande parcela de intelectuais, sirva de exemplos os casos de Néstor Garcia Canclini, com seu já consagrado *Culturas híbridas*, e de Peter Burke, autor de *Hibridismo cultural*.

Referência bibliográfica

- ALEXANDER, Michael. *A history of English Literature*. 3ed. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2013.
- ALIGHIERI, Dante *apud* HELLER-ROAZEN, Daniel. *Ecolalias: sobre o esquecimento das línguas*. Campinas: Editora Unicamp, 2010.
- AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. São Paulo: CosacNaify, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. 6ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- . *Teoria do romance I – A estilística*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BERNARDINI, Aurora. “Entre dois mundos” *Cadernos entre livros*, nº 2 (*Panorama da literatura russa*). São Paulo: Duetto editorial, 2010, pp. 6-19.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura* (5ª reimpressão). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.
- . *O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2013.
- CAMPOS, Maria Inês Batista. “Questões de literatura e de estética.” In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2013.
- CARNEIRO, Tereza Dias. “O pensamento-compromisso de Homi Bhabha: notas para uma introdução”. In: BHABHA, Homi K. *O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses: textos seletos*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2011.
- CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. São

- Paulo: Perspectiva, 1998.
- DICKENS, Charles. *Little Dorrit*. In: MORSON, Gary Saul; EMERSON, Caryl. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. São Paulo: Edusp, 2008.
- EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. 2ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- . *A tarefa do crítico*. São Paulo: Ed. Unesp, 2010, p. 295.
- . *Teoria da literatura: uma introdução*. 6ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012.
- ETKIND, Alexander. "The shaved man's burden: The Russian novel as a romance of internal colonisation". In: RENFREW, Alastair e TIHANOV, Galin (orgs.). *Critical theory in Russia and the west*. Londres: Routledge, 2010.
- ETKIND, Alexander. *Internal colonization: Russian's imperial experience*. Oxford (UK): Polity Press, 2011.
- GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade* (1ª reimpressão). Juiz de Fora: UFJF, 2013.
- HUMBOLDT, William von. "The nature of conformation of language". In: MUELLER-VOLLMER, Kurt (org.). *The hermeneutics reader*. Oxford: Blackwell, 1985.
- JAKOBSON, Roman. N. S. *Trubetzkoy's letters and notes*. Preparado para publicação por Roman Jakobson com assistência de H. Baran, O. Ronen e Martha Taylor. The Hague: Mouton, 1974.
- KACHAN, Lionel. *A formação da Rússia moderna*. Lisboa: Ulisseia, 1962, p. 107-133.
- LOPES, Edward. *A identidade e a diferença*. São Paulo: Edusp, 1997.
- LOTMAN, Iúri. *Cultura y explosión*. Barcelona: Gedisa Editotial, 1999.
- . *Non-memoirs*. London (UK): Dalkey Archive Press, 2014.
- LUTERO, Martinho *apud* BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural* (4ª reimpressão). Porto Alegre: Unissinos, 2013.
- MACHADO, Irene. *O romance e a voz: a prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin*. Rio de Janeiro: Imago/Fapesp, 1995.

- MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de linguagem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- ORTÍ, Pau Sanmartín. *Otra historia del formalismo ruso*. Madrid: Ediciones Lengua de Trapo SL, 2008.
- POMORSKA, Krystyna. *Jakobsonian Poetics and slavic narrative*. Durham: Duke University Press, 1992, pp. 120-135.
- PROPP, V.I. *Morfologia do conto maravilhoso*. Trad. Jasna Paravich Sarhan. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2ed., 2010.
- SEDYCIAS, João (org.). *Repensando a teoria literária contemporânea*. Recife, 2015.
- SEIFRID, Thomas. "Once out of nature: The organic metaphor in Russian (and other) theories of language." In: RENFREW, Alastair e TIHANOV, Galin (orgs.). *Critical theory in Russia and the west*. Londres: Routledge, 2010.
- SÉRIOT, Patrick. "Bakhtin no contexto: diálogo de vozes e hibridação das línguas (o problema dos limites)". In: ZANDWAIS, Ana (org.). *Mikhail Bakhtin: contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos*. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 2005.
- STEINER, Peter. *El formalismo Ruso: una metapoética*. Madrid: Akal ediciones, 2001.
- STROSS, Brian. "The hybrid metaphor: from Biology to culture." In: *The Journal of American Folklore*, vol. 112, nº 445, 1999.
- VESSELÓVSKI, Alexandr. *Poética da Prosa*. Madrid: Akal editorial, 2016.
- VOLOSHINOV, V.N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2010.
- YOUNG, Robert J.C. *O desejo colonial*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- ТОЛСТОЙ, Лев. *Война и мир. Собрание сочинений* (Vol. 1 [=Vol. 4]). Moscow: Наука, 1983.